



HISTÓRIA DAS ORGIAS

Edições Século XXI, Lda.
Apartado 41022
1506-001 Lisboa Codex
Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Burgo Partridge *A History of Orgies* © Edições Século XXI (2003)
Coleção *Percursos/História*
Tradução de Leonel Cândido Silva Phêbo
Revisão gráfica de Alice Araújo
Capa de Paulo Bacelar
Imagem da capa: *La Mort de Babylone*, de Rochegrosse
Fotocomposição, paginação e montagem:
Ramo de Ouro, Lda.
ISBN: 972-8293-25-9
Depósito legal n.º 195599/03
Impressão: Papelmunde - SMG, Lda.
Acabamento: Inforsete - V. N. de Famalicão

Burgo Partridge

HISTÓRIA DAS ORGIAS

Tradução de

Leonel Cândido Silva Phébo

PREFÁCIO

A orgia é a válvula de escape de uma pressão como a do vapor de água; é a expulsão de histeria acumulada pela abstinência e a autocontenção e, assim sendo, tende igualmente a partilhar dessa natureza de fenómeno histeróide ou catártico.

Toda a forma de autocontenção acarreta as suas tensões peculiares. O Homem encontra-se na constrangedora contingência de trazer em si mesmo, em simultâneo, as inclinações do indivíduo civilizado e as do mero animal, as quais há que procurar conciliar, normalmente em detrimento das últimas. Mas essa pressão, progressivamente crescente, não pode ele aguentá-la perpetuamente; de modo que se valerá, para todos os tipos de tensão, de uma válvula de escape - que é a orgia. Muitas das orgias, no entanto, não são tidas geralmente como tal. As guerras, por exemplo, num certo sentido, são uma forma de orgia, extremada e desagradável; e, catalogáveis muito lá para o fim da escala de valores da espécie, deparamos com as discussões em reuniões sociais ou cocktails, as partidas de mau gosto, pregadas por caixeiros-viajantes grosseiros, as pequenas escapadelas de maridos ocasionalmente infiéis - em suma, uma longa lista.

Neste livro só se incluem as orgias de carácter ou origem sexual, e isto por dois motivos concomitantes, a saber: o superior interesse que representam para toda a gente e as dificuldades que obstam ao reconhecimento e definição, propriamente como orgias, de algumas delas de outra natureza.

A orgia serve ao propósito útil de não somente prover ao alívio de tensões causadas por abstinências (necessárias, estas, ou não), mas também de reanimar por contraste o apetite para as monótonas temperanças que representam parte inevitável da vida quotidiana. Daí ter sido utilizada por certas comunidades sociais tão marcadamente diferentes entre si como por

exemplo, os povos da Grécia Antiga e (essa, de má vontade) a Igreja cristã medieval.

Existe ainda, todavia, mais uma espécie de orgia: a individual. Essa não é, na verdade, essencialmente organizada, nem tolerada pelo Estado ou pela sociedade, visto que surge da equação gratuitamente estabelecida pelo indivíduo, face à sociedade ou ao Estado com o sentimento de reclusão e cerceamento que o aflige. Essa imputação é muitas vezes justificada, sendo, por outro lado, algumas vezes errônea ou inexactamente concebida por si.

Estas últimas são as mais interessantes e menos banais: o rebelde é aí uma figura mais perplexiva do que conformista e, neste particular campo de estudo, foi ele o que nos mereceu atenção mais acurada. Caso algum desses tipos tenha recebido um tratamento desproporcionadamente extenso da nossa parte, esperamos que sejam compreendidos os nossos motivos de autor.

Ambas as espécies de orgia, a do conformista e a do rebelde, podem ser reduzidas a um só e mesmo princípio - o do escape a uma qualquer tensão intolerável. Uma delas poderá bem lograr êxito, desde que incida sobre a verdadeira raiz do mal consumptivo; e, se não a acompanharem mui aflitivos sentimentos de culpa e auto-repulsão, é provável até que continue a funcionar sem maiores sobressaltos.

A outra espécie - a do rebelde - pode também ser satisfatória, se é que a equação imputadora da opressão à responsabilidade do meio social se prova legítima; mas, mesmo assim, o orgiasta expõe-se a permanecer um solitário e, tudo somado, um indivíduo nada feliz - pois ter-se-á provavelmente excedido na sua peculiar forma de reacção, que o terá arrastado até a um grau de licença que não lhe será propriamente inata.

Os dois primeiros capítulos versam sobre os orgiastas da espécie conformista (Grécia e Roma), mas foi uma ou outra dessas duas diferenciadíssimas modalidades que os subsequentes "rebeldes" tenderam a escolher como norma, motivo pelo qual importa muito que se tenham presentes à lembrança as naturezas latina e helénica, e então estará aberto o caminho a uma tentativa de apreciação ética do assunto.

CAPÍTULO PRIMEIRO

OS GREGOS

Aos que pensam que as grandes realizações e o êxito na vida dependem de subtileza mental e destreza verbal e que a inteligência é incompatível com a ingenuidade, a esses o estudo da maneira de viver e do pensamento dos Gregos provocará uma reveladora surpresa.

Como nação, os helenos realizaram maravilhas de arte, de pensamento e de teorização política tais que não encontraram rivais que os superassem, se é que jamais foram ao menos iguais, por mais de uma dúzia de séculos. Não obstante, no que diz respeito à vida prática de cada dia, os Gregos baseavam o seu comportamento e os seus ideais num hedonismo extraordinariamente "simplório" e sensualístico. Diferiam da maioria dos povos modernos ao serem imunes a essa moléstia que a tanta gente aflige hoje em dia, a fixação num alvo ou objectivo na vida, excluídos todos os demais, e a busca semiobsessiva desse absorvente objectivo, acompanhada da subestimação de quaisquer outras alternativas possíveis.

Os Gregos eram idealistas e entusiastas por tudo o que interessava à sua vida, consideravam a juventude como um bem especialmente precioso e as alegrias dessa fase como a suprema felicidade. A beleza e o amor eram, acima de tudo, votados aos prazeres da existência, que eles almejavam, e o ideal proclamado pelos seus bardos. A saúde merecia-lhes apreço, porquanto sem ela não se alcançaria facilmente a felicidade, e esta era a única finalidade da vida. Saborear prazenteiramente a vida em geral era uma prerrogativa digna de se batalhar por ela, segundo julgava Sólon. Por toda a parte, nos seus escritos e na vida particular de cada cidadão, os esforços dos Gregos denotavam anseios idealísticos; e não pelo dinheiro nem tão-somente pela sede de prestígio, nem ainda por alguma esdrúxula situação na existência humana. A cultura helénica é, por inteiro, um hino em louvor do prazer, cuja

natureza era uma intensa e requintada sensualidade. Em todos os níveis intelectuais, o povo discernia a essencial parte que o materialismo voluptuoso representava nas coisas humanas. Só depois de velho é que Sófocles emitiu a conhecida observação de que a velhice merece ser louvada, porque nos liberta da sujeição à sensualidade. A atitude do grego perante o desejo era muito diversa.

O poeta Simónides pergunta: "Seria deleitosa a vida dos mortais sem a existência da felicidade dos sentidos? Não é, porventura, a vida dos bem-aventurados deuses bem pouco de invejar-se sem isso?"

Os deuses gregos, que talvez reflectam a natureza dos seus fiéis helénicos mais flagrantemente do que ocorrerá com os de qualquer outra mitologia e civilização, são, igualmente, sujeitos à contingência dos desejos e dos prazeres da carne.

No oitavo canto da *Odisseia* há uma cena particularmente significativa, na qual Afrodite se abandona a ilícitos gozos de amor nos braços de Ares, o deus-Sol. O marido, Heféstion, o deus-coxo, conclama todos os outros deuses para que venham testemunhar o adultério daquelas duas divindades; e, no entanto, ao contemplar aquele espectáculo, disse a Hermes o divino Apoio, filho de Zeus: "Ó Hermes, filho de Zeus e seu mensageiro, ó tu que és o dispensador das benesses, em verdade gostarias, mesmo que te retivessem, muito embora, enleantes peias, gostarias de te reclinar em tépido tálamo ao lado da áurea Afrodite?" Ao que interpôs o mensageiro Argeifonte: "Saberás tu, divino arqueiro Apoio, que, quanto a mim, quem mo dera, que tal me caísse por sorte... pois, então, ainda que me atassem peias três vezes mais enleantes, vós todos, ó deuses, e todas vós, deusas, também haveríeis de ver e estarrecer, ai!, que outra coisa não faria eu senão deitar-me ali também, ao lado da deusa Afrodite, a dos cabelos de ouro!" - e como de tal maneira discorresse o astuto mensageiro, farto gargalhar rebentou dos divertidos deuses imortais. Como se vê, nem uma palavra de repulsa moral, mas apenas uma gargalhada e aprazimento contém o comentário das olímpicas personagens sobre esse episódio, em tomo de semelhante motejo à fidelidade conjugal, devido à própria deusa do Amor. É que as convenções que regiam o comportamento sexual, tais como vigoravam então, tinham força de lei apenas civil: o conceito de "pecado" daí aduzido só apareceria mais tarde, com a civilização cristã.

Megaclides, o historiador, censura os poetas por salientarem, em demasia, os trabalhos e as provações de Hércules, o herói nacional grego, quando este andou sobre a Terra a conviver com a Humanidade. Frisa ele quanto se comprazia o semideus, e intensamente, nos gozos sensuais, o vasto número

de mulheres que desposou e o incontável de filhos que engendrou. Quanto gostava ele de comer e de se banhar, que até, em toda a Grécia, era de uso um leito especialmente macio que se conhecia, qual denominação industrial, pelo nome de Hércules. Megaclides ataca os poetas, pois, não pelo mero facto de negligentemente omitirem um importante aspecto da vida de Hércules, porém, sim, porque com esse descuido lhe estariam a lançar um sacrílego insulto.

Sem embargo, gente muito equilibrada eram os Gregos, para se entregarem a uma vida de perpétuos festins e destemperas. Sabiam reconhecer na castidade o valor de aperitivo essencial para a impudicícia e, também, que as delícias eróticas, por muito sedutoras que fossem, nem por isso haveriam de ser ininterruptas. Mesmo assim, olhavam a sensualidade como assunto muito sério e, como tal, versavam-na os seus escritores.

Ateneu de Náucia, no duodécimo capítulo do seu *Delpnosofistas*, discorre sobre a noção de prazer de um modo teórico, daí enveredando por um desdobrar de exemplos arrebanhados dentre diversos povos, a começar pelos Persas, mostrando-nos como era que cada povo sabia encher a existência com folguedos e libertinagens, a cuja exposição fazia seguir um rol de homens afamados pela vida lasciva que levavam.

Segundo Heraclides, o rei dos Persas possuía um serralho de trezentas mulheres, as quais "dormiam o dia todo, a fim de permanecerem despertas à noite; mas, ao serão, cantam e tocam harpas, continuamente, enquanto as lâmpadas não se consomem; e então, o rei frui delas os seus prazeres, como suas concubinas que são". As ditas mulheres costumavam, aliás, acompanhar o soberano às expedições cinégéticas¹.

Os Lídios, no dizer de Xanto, costumavam castrar não somente rapazinhos, mas também meninas, para empregá-los na qualidade de eunucos, nos palácios dos poderosos senhores de então.

Os habitantes de Síbaris introduziram o costume dos banhos quentes e foram, também, o primeiro povo que fez uso de vasos nocturnos em banquetes.

Na cidade de Tarento, na Baixa Itália, afirma-o Clearco, o povo local, após haver "conquistado a força e o poder... progrediu tanto em hábitos de luxo, que chegou ao ponto de fazer amaciar toda a pele do corpo, assim inaugurando a prática da depilação, que passou a todos os outros povos. Todos os homens vestiam um manto transparente, rematado por uma fímbria

Expedições de caça (N. do E.).

purpurina... louçanias que hoje em dia são um requinte e apanágio das modas femininas. Mais tarde, porém, cegos pela paixão do luxo até ao desmando, arrasaram a cidade de Carbânia, dos lafígios, fizeram reunir no templo daquela cidade os meninos, as meninas e as mulheres na plenitude da vida e ali montaram um espectáculo, expondo nus aqueles desgraçados para a lúbrica contemplação de quem quisesse, durante o dia; e quem bem o quisesse podia também saltar sobre as pobres criaturas como o fariam lobos esfaimados sobre um rebanho e então fartar a sua luxúria nos belos corpos das vítimas ali encurraladas e à sua mercê”. Pelos vistos, no entanto, os deuses desaprovaram essa particular forma de sensualidade, pois os devassos vieram a ser fulminados pelos fogos do céu.

É forçoso, neste ponto, concordar que, antes de se aventurar alguém num amplo panegírico do viver dos Gregos, se impõe ter em conta o tratado de Heraclides Pônticos, discípulo de Platão e filósofo por mérito próprio. No seu ensaio *Sobre o Prazer*, afirma que a vida requintada é prerrogativa das classes governantes, relegando-se aos escravos e aos pobres, como o quinhão que lhes cabia, a árdua lida e o tédio. Todo aquele que sabe apreciar a sensualidade e o luxo é imbuído de carácter superior ao do que não partilha da sua percepção. Os Atenienses fizeram-se um povo heróico precisamente em virtude, e não a despeito, da vida sibarítica que se permitiam. O ponto de vista exposto na primeira parte do referido tratado é desagradável, sem dúvida, e, se bem que muito dubitável a extensão em que se projectou e traduziu em comportamento autêntico na prática, não é lícito esquecer que os escravos e os pobres eram algumas vezes excluídos, tanto mentalmente quanto efectivamente, da própria espécie humana. É possível que os Gregos tenham, quem sabe, encarado um pouquinho *de mais* o prazer como manifestação religiosa, daí sustentando que tudo aquilo que tivesse ou pudesse ter tido, comportado ou causado prazer, seria, sob quaisquer circunstâncias, um bem. Afinal de contas, o hedonismo dos Gregos não foi certamente o hedonismo de J. S. Mill.

Voltemos à lista de Ateneu de Náucia. Os habitantes de Colofónia jamais haviam contemplado, segundo ele, o crepúsculo ou a alvorada, em toda a sua vida, visto que, ao dealbar do dia ainda estavam eles bêbados e, ao vir o ocaso, já o estavam outra vez.

Sardanápalo, o último rei assírio, redigiu para si mesmo o seguinte epitáfio: "Fui rei e, enquanto me foi dado contemplar a luz do Sol, comi, bebi e rendi culto às alegrias do amor, sabedor de quanto é transitória a vida do homem e sujeita a tanta variação e infortúnio e que outros colherão a messe dos bens que deixo depois de mim. Por esse motivo, pois, não deixei passar

dia que fosse sem guardar fidelidade a esse modo de vida.” A sua filosofia era a do autor do *Edesiastes*, ainda que algo diversa a conclusão para que se encaminhou.

Aristóbulo descreve-nos um monumento a Sardanápalo que admirou em Anquiale. A mão direita da estátua descreve-a ele como em acção de estalar os dedos. A inscrição, que nos transmite, rezava o seguinte: ”Sardanápalo, filho de Anacindaraxes, construiu em apenas um dia Anquiale e Tarso. Comei, bebei e folgai, pois o mais que resta não vale tanto.”

O orador Lísias narra-nos a seguinte anedota acerca de Alcibíades e Axíoco: ”[eles] fizeram-se à vela, juntos, em demanda do Helesponto e desposaram, os dois ao mesmo tempo, em Abido, uma mesma mulher, Medontis de Abido, e com ela coabitaram. Tempos depois, nasceu-lhes uma filha, cuja paternidade ambos declararam não poder esclarecer. Mas, ao tomar-se a mesma casadoira, os dois coabitaram com ela também; pois, sempre que possuía Alcibíades, era alegando gozar o amor da filha de Axíoco, enquanto que, por seu turno, este último dizia possuir a filha daquele.”

Clearco refere, acerca de Dionísio, *o Moço*, tirano da Sicília, o seguinte caso:

”Quando Dionísio alcançou a sua cidade natal, Locris fez atulhar de rosas e tomilho bravo a casa mais bonita da cidade, após o que mandou vir as moças de Locris, uma de cada vez, despojando-as, e a si próprio, de todas as vestes e, nus os dois, rolavam sobre o leito, ali praticando todo o género de obscenidades imaginável. Pouco depois, ao terem os ultrajados maridos e pais em seu poder a própria esposa e a prole do tirano, forçaram esses reféns a cometer indecências à vista de todo o mundo e abandonaram-se a toda a espécie concebível de devassidão. Após terem satisfeito naquelas vítimas a sua concupiscência, meteram-lhes agulhas sob as unhas e, por fim, deram-lhes morte.”

Estrabão refere também essa mesma história, acrescentando ainda o pormenor de que, após preparada a câmara, soltavam-lhe para dentro alguns pombos com as asas aparadas, os quais as raparigas, nuas como estavam, eram forçadas a perseguir e pegar, algumas inclusive obrigadas a calçar sandálias desemparelhadas, sendo uma de salto baixo e a outra de salto alto.

Demétrio de Falero, que foi por muitos anos governador de Atenas, era dado como gozador de secretas orgias com mulheres e nocturnos ”casos” com rapazes; tinha um considerável zelo pela sua aparência pessoal, havendo inclusive tingido os cabelos com um absurdo matiz alourado e pintado o rosto, à faceira.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

